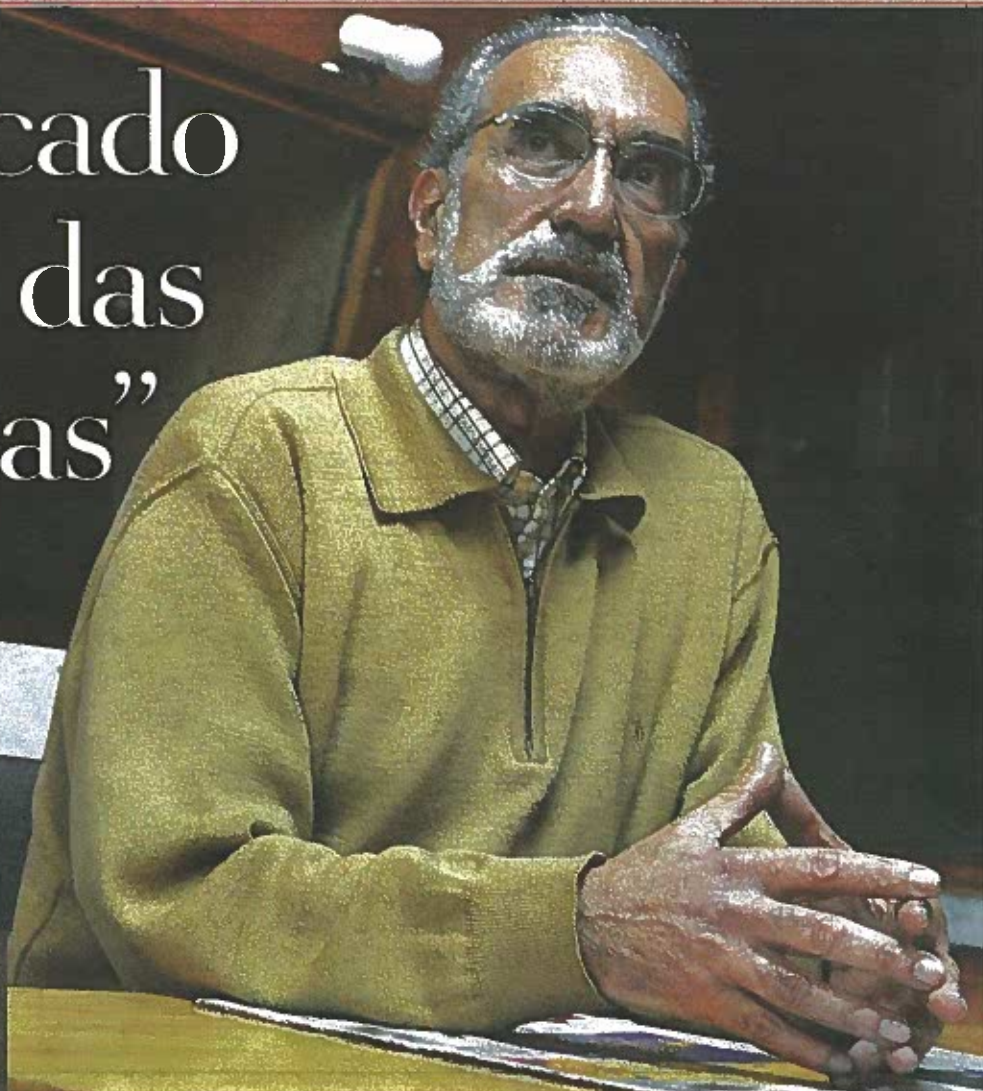




## “O Guia é dedicado à modernização das habitações antigas”



# RÁDIO NOAR

António Reis Cabrita, arquitecto e professor, foi coordenador do curso de Arquitectura da Universidade Católica, em Viseu. Recentemente, em conjunto com outros arquitectos e professores universitários, esteve na coordenação do "Guia para a Reabilitação do Centro Histórico" de Viseu encomendado pela Sociedade de Reabilitação Urbana.

**Porque é que o centro histórico de Viseu precisa de um guia de reabilitação?**

A maioria dos centros históricos não tem guia de reabilitação. Esta é a segunda experiência que faço, a primeira foi no âmbito do Laboratório de Engenharia Civil, a pedido da Câmara Municipal de Lisboa, em que fiz um guia para o Bairro Alto.

**A ideia é a mesma?**

A ideia já era um pouco a mesma. Existem pessoas que estão envolvidas na reabilitação do centro histórico, mas a grande maioria não tem conhecimento técnico sobre a temática da reabilitação. Este tipo de guia, como o do Bairro Alto e o de Viseu, procura fazer a formação de um público em geral.

**Mas o Guia não é só técnico.**

Tem duas vertentes. Tem uma vertente formativa geral sobre a cidade, sobre o centro histórico e sobre a teoria da conservação. A partir daí é técnico, o tipo de edifícios, a intervenção no espaço público, patologias, soluções de reparação, estaleiros, custos de obras, legislação, etc.

**De quem foi a proposta para elaborar um Guia para a Reabilitação do Centro Histórico de Viseu?**

Foi da autarquia, portanto, da Sociedade de Reabilitação.

**Há um capítulo do Guia que fala das principais anomalias funcionais, ambientais e construtivas. O que encontrou é grave, muito grave ou nem por isso?**

Há um pouco de tudo, o que é importante é saber se há anomalias mais graves que outras, e há. É evidente que uma pintura que esteja empoçada no interior de uma habitação não é tão grave como, por exemplo, o risco de propagação de incêndio, ou o risco de a pessoa não poder ser evacuada para a rua.

**São situações comuns no centro histórico?**

Sim. O risco de incêndio é comum em todos os centros históricos e aqui é um risco. Depois, há outros riscos, de menos graves, alguns fáceis de reparar.

**Como por exemplo?**

Substituir a instalação eléctrica. Em vez de ter a antiga e que pode fazer cur-

tos circuitos, coloca-se uma nova. Esta é uma coisa que tem risco [de incêndio] e tem uma solução fácil. Outra de risco, mas com solução difícil, é transformar uma escada íngreme numa mais larga ou aumentar um pé direito que seja baixo.

**A ideia comum do centro histórico é de que “está tudo a cair”. A opinião é exagerada?**

Não está tudo a cair, mas quando o jornal noticia que há uma coisa que cai, é no centro histórico. Há muitas coisas que estão em ruína no centro histórico, há outras que estão em situação deficiente e há um inimigo que é o Inverno: A chuva e o vento forte, as duas coisas associadas vão minando, vão deteriorando algumas estruturas e, “um dia a casa vem abaixo”.

**Durante a elaboração do Guia confrontaram-se com problemas sociais no centro histórico de Viseu?**

É uma realidade que tem muitos idosos. A realidade social e socio-económica andam a par uma com a outra e é uma das dificuldades. As pessoas podiam estar teoricamente mais bem tratadas, tirando-as

dali. Hoje, essa estratégia não deve voltar a ser aplicada e deve funcionar um plano conjunto de valorização do centro histórico. Também não pode ficar um lar de idosos, deve ser uma estratégia social integrada e diversificada que apele aos jovens, mantenha os idosos e até chame novas gerações activas que gostam de ter boas coisas à porta, um bom centro cultural, um bom café, uma boa pastelaria, um bom comércio de proximidade.

**As restrições à circulação automóvel são um elemento impeditivo?**

Não foi impeditivo há um século atrás, depois surgiu a grande cultura do automóvel, mas há 20/30 anos, estamos contra essa cultura do automóvel. O centro histórico onde o automóvel é condicionado, acaba por estar igual a muitas novas organizações em que o automóvel está altamente condicionado.

**Mas em Viseu, é uma queixa constante dos comerciantes.**

Uma coisa é pensar que temos famílias que não querem o automóvel a passar em frente ao nariz, por ou-

tro lado temos os comerciantes, que querem o automóvel a passar. Tem que haver espaço para as crianças, para os idosos, para as famílias e para a rua comercial.

**Quem vai viver para o centro histórico gosta de ter o carro perto de casa.**

O centro histórico permite aos moradores que tenham o comércio de proximidade e, provavelmente, têm que achar soluções para o automóvel de relativa proximidade.

**O Guia realça a necessidade de reaproveitar em vez de se demolir ou deitar fora. Acabou a ideia de que o novo tem que substituir o velho?**

Dentro de uma política de sustentabilidade, devemos conservar as coisas que temos e as coisas que temos não devem ser objectos para durar três ou quatro anos e depois deitar fora. Este problema é um problema da cidade consolidada que é para ser tratada e não se andar constantemente a demolir, a deitar fora e a subir mais pisos. No caso dos centros históricos, há outra dimensão importante da identidade.

**É possível colocar na reconstrução dos centros históricos o conforto exigido no século XXI?**

Os comportamentos não são todos iguais. O Guia é dedicado à modernização das habitações antigas, e a modernização das habitações antigas pode ser feita por duas maneiras. Uma, a que chamamos de renovação e outra que chamamos de reabilitação e há uma outra de restauro, mas que não é o caso de Viseu. Quando se diz modernização é dizer que a casa seja o mais moderna possível em segurança, conforto ambiental, qualidade funcional e estética.

**O centro histórico de Viseu, na sua maioria, necessita de uma intervenção média, ligeira ou profunda?**

Eu consideraria a média, justamente pela tal preocupação de que, sempre que possível, as pessoas fiquem bem.

**Para se manter o centro histórico reabilitado era importante o apoio do Estado?**

Os apoios são sempre bem-vindos, mas não vejo muitas facilidades nesse domínio.

(Entrevista completa em [www.jornaldocentro.pt](http://www.jornaldocentro.pt))